



ESCOLA DE
HUMANIDADES

VERITAS (PORTO ALEGRE)

Revista de Filosofia da PUCRS

Veritas, Porto Alegre, v. 67, n. 1, p. 1-6, jan.-dez. 2022

e-ISSN: 1984-6746 | ISSN-L: 0042-3955

<http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.2022.1.41610>

SEÇÃO: RESENHA

(Des)fazendo-nos e (re)fazendo-nos: a transversátil atualidade do pensamento de Michel Foucault

(Un)making us and (re)making us: the current transversality of Michel Foucault's thinking

(des)haciéndonos y (re)haciéndonos: la transversatil actualidad del pensamiento de Michel Foucault

Luiz Fernando de Oliveira¹

orcid.org/0000-0003-2532-1831
luizfernandodeoliveira@gmail.com

Recebido em: 24 ago. 2021.

Aprovado em: 17 maio 2022.

Publicado em: 14 set. 2022.

ABREU JUNIOR, Laerthe de Moraes (2020). *Foucault: pensador transversátil*. São Paulo: ÔZé Editora.

Resumo: O presente texto constitui-se como resenha do livro *Foucault: pensador transversátil*, de Laerthe de Moraes Abreu Junior. A obra reúne ensaios sobre diversos temas e conceitos presentes no pensamento foucaultiano, desde os mais conhecidos, como humanismo, ética, violência, sujeição e poder, até aqueles sobre os quais os estudiosos costumam se debruçar com menor frequência, caso dos escritos do filósofo francês sobre as artes plásticas, o cinema, a literatura e a música. O tratamento dado a esses temas revela como por trás de sua pulverização e da aparente desconexão entre eles há uma obra caracterizada pela versatilidade e transversalidade de um pensador dedicado a compreender como o homem se tornou aquilo que é.

Palavras-chave: Michel Foucault. Versatilidade. Transversalidade. Ética.

Abstract: This text is a review of the book *Foucault: pensador transversátil*, written by Laerthe de Moraes Abreu Junior. The work gathers essays about several themes and concepts that are present in Foucault's thinking, since the most known ones, like humanism, ethics, violence, subjection, and power, until those that scholars use to study with less frequency, which is the case of his writings about arts, cinema, literature, and music. The treatment given to these themes reveals how behind their pulverization and the apparent disconnection between them there is a work characterized by the versatility and transversality of a thinker dedicated to comprehending how human beings have become what they are.

Keywords: Michel Foucault. Versatility. Transversality. Ethics.

Resumen: El presente texto se constituye como reseña del libro *Foucault: pensador transversátil*, de Laerthe de Moraes Abreu Junior. La obra reúne ensayos sobre diversos temas y conceptos presentes en el pensamiento foucaultiano, desde los más conocidos, como humanismo, ética, violencia, sujeción y poder, hasta aquellos sobre los cuales los estudiosos acostumbra a inclinarse con menos frecuencia, como el caso de los escritos del filósofo francés sobre las artes plásticas, el cine, la literatura y la música. El tratamiento dado a esos temas revela como por detrás de su pulverización y de la aparente desconexión entre ellos hay una obra caracterizada por la versatilidad y la transversalidad de un pensador dedicado a comprender como el hombre se convirtió aquello que es.

Palabras clave: Michel Foucault. Versatilidad. Transversalidad. Ética.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), campus Nepomuceno, MG, Brasil.

Como é possível promover a atualização do pensamento de Michel Foucault (1926-1984) à luz do contexto social, político e cultural desta primeira metade do século XXI? Considerados os mais de 37 anos decorridos desde a sua morte, de que forma o seu pensamento pode lançar luzes sobre os dilemas do momento histórico atual?

Não são precisamente estas as perguntas feitas por Laerthe de Moraes Abreu Jr. em *Foucault: pensador transversátil*, mas suas indagações e reflexões orientam o leitor a olhar *com* e *pelos* olhos agudos de Foucault para questões cruciais da história da Filosofia e das Ciências, mas que preservam um viço de originalidade e novidade.

A obra traz um exercício de reflexão voltado para a construção-desconstrução-reconstrução, a partir do pensamento foucaultiano, de temas e problemas que, vale repetir, conservam a sua atualidade: a natureza e a constituição do que se convencionou chamar de homem e humanidade, ética, violência, poder e sujeição.

O livro se divide em duas partes: na primeira, além de uma apresentação e um prefácio, ele se estrutura em quatro capítulos, os quais consistem em ensaios monográficos, que não dependem necessariamente uns da leitura dos outros para que possam ser compreendidos, não obstante sejam correlatos e perpassados por temas que conferem a eles organicidade e integralidade próprias. Três adendos e um *post-scriptum* compõem a segunda parte, servindo de conclusões em aberto, trazendo novas provocações que apontam para a deliberada incompletude da obra.

A "Apresentação" ficou a cargo de Eliane Vianey, que traça um retrato afetivo-intelectual do autor. Professora universitária, ela escreve também dos lugares de ex-aluna e atual companheira de Laerthe, a quem apresenta como um *parresiasta*, no estrito sentido foucaultiano, e desvela o mote do livro: uma reflexão sobre como "nos tornamos o que somos hoje" e sobre as condições de possibilidade a partir das quais poderemos alcançar "a forma-de-vida que almejamos ter" (CARVALHO, 2020, p. 14).

Em seu "Prefácio", Abreu Junior (2020) afirma que o livro é fruto de diversas circunstâncias

convergentes: seu tempo livre, decorrente de sua aposentadoria – o que o libertou das amarras acadêmicas e o permitiu mesmo "burlar" as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) (2020 p. 18) –, a reclusão ocasionada pela pandemia de COVID-19, as conversas por *e-mail* e pelas redes sociais virtuais com seus antigos alunos e, sobretudo, a experiência adquirida em seus 50 anos dedicados ao estudo do pensamento de Foucault. A respeito das "burlas", elas são sutis a ponto de não impedirem que o trabalho seja criterioso, ao mesmo tempo em que denunciam a ausência de sentido das minúcias impostas pelas regras de normalização de textos acadêmicos, que em nada contribuem com o processo de construção do conhecimento. Por exemplo, não há notas de rodapé no livro; sempre que o autor se permite "anotar" algo, ele o faz interferindo no próprio texto com chamadas quase informais, anunciadas por expressões como "a propósito", "minha observação", o que, antes de interferir negativamente na cadência do texto, confere a ele fluidez, dinamismo e coerência.

Há que se ressaltar o caráter *dialógico* do trabalho, construído a partir de respostas do autor a provocações feitas por seus interlocutores. Todavia, as respostas não são professorais nem se pretendem cabais, antes, são a sistematização de reflexões que comportam novas inquietações acerca do "respondido". Como consequência quase inevitável, embora não automática, por ser uma *opção* do autor, a escrita traz a marca da oralidade, da pessoalidade e da informalidade. Em suas palavras, os escritos reunidos no livro "deliberadamente têm um tom coloquial e pouco formal" (ABEU JUNIOR, 2020, p. 17). Porém, não se trata aqui de um escrito reducionista, simplificador ou facilitador do constructo teórico-conceitual foucaultiano, denso e, por vezes, árido em seu aspecto formal: embora consiga tornar palatável aquele constructo, o autor o faz com rigor, e não se volta para *iniciantes*, mas para *iniciados* na leitura das obras do pensador francês.

O primeiro capítulo traz no título a pergunta: "Objetivamente, o que é a natureza humana para Foucault?" Em Filosofia, esse conceito evoca,

quase sempre, a natureza dura, fixa, universal e determinística, como a pensou, por exemplo, Hobbes, ou a sua total ausência, como defende o existencialismo sartriano. Embora esta noção não tenha sido objeto das reflexões de Foucault, depreende-se de sua obra um enfoque negativo e indireto a respeito dela: indireto, pois só pode ser apreendida pela crítica do pensador aos conceitos de "homem" e "humanismo", negativo pelo fato de haver a ela chegado a partir da impossibilidade de defini-la filosófica e cientificamente (2020, p. 25).

Para Abreu Junior (2020), Foucault é cético quanto à possibilidade de se tratar conceitualmente o que se convencionou chamar de "natureza humana". Antes, ele se recusa a atribuir universalidade e fixidez a esse conceito, que – tal como os de "homem" e "humanismo" – deve ser liberto pelo *método arqueológico*. Como concebidos pela Filosofia e pela Ciência modernas, esses conceitos tendem ao desaparecimento, à decomposição. O capítulo, após delinear o referido método, conclui com reflexões sobre o absurdo da terminologicamente contraditória expressão "natureza humana".

O capítulo segundo traz a grande inquietação da vida intelectual de Foucault, na leitura de Abreu Junior (2020, p. 32): "Como foi possível nos tornarmos aquilo que somos hoje?" A partir de uma provocação que lhe havia sido feita, o autor defende que não é possível, sem arbitrariedade, incluir Foucault entre os filiados a qualquer corrente de pensamento do século XX. Com efeito, ele rechaçava e repudiava as filiações que lhe eram atribuídas, embora, por força do contexto intelectual da França de seu tempo, não pudessem se furtar ao diálogo com os estruturalistas e existencialistas, entre outros.

Em seguida, o autor complementa a discussão do capítulo precedente e mostra como os conceitos de "homem", "humanidade" e "humanismo" surgem tardiamente na cultura ocidental, em detrimento do que se apresenta nos manuais e mesmo nas obras de determinados pensadores. Rejeitando a abordagem desses conceitos, todas as filosofias essencialistas e as concepções

cartesiana e sartriana de subjetividade, Foucault – inspirado pela perspectiva nietzschiana da descontinuidade – se lança ao objeto que o interessa mais: os *processos de sujeição*, com todas as suas consequências.

O capítulo terceiro, "Origem, representação e estruturalismo: surgem mais questões para serem trabalhadas...", é dedicado à análise dos elementos estruturalistas em Foucault (apesar da sua obstinada recusa em se aceitar incluído nesta corrente) e da perspectiva a partir da qual ele entende o conceito de "homem" (ABREU JUNIOR, 2020, p. 39).

Conforme Abreu Junior (2020), há, sim, elementos estruturalistas nos trabalhos de Foucault, sobretudo nos da década de 1960, antes de sua guinada político-epistemológica para o tratamento teórico do *poder* e dos *processos de sujeição*. É preciso ressaltar, todavia, os riscos de se dividir didaticamente esta obra, cujo caráter é múltiplo, complexo, não linear, e o autor do livro aqui resenhado atém-se a isto, embora, para dar cabo a sua reflexão, lance mão desta cronologia um tanto arbitrária.

Com efeito, Foucault aciona o conceito de "estrutura" em muitas passagens de sua obra, o que não significa, contudo, que ele o entenda da mesma forma que os estruturalistas, tampouco que isso, por si só, autorize a sua inclusão no rol desses pensadores. Foucault chegou a admitir que foi influenciado pelo estruturalismo, bem como por toda a cultura filosófico-científica do seu tempo. Na provocação de Abreu Junior (2020, p. 48), não haveria como "não se 'influenciar', por menor que seja a força dessa influência, pelas correntes filosóficas de sua época e de sua formação".

O quarto capítulo, "Sobre a violência ética, o poder e a sujeição (uma leitura de Butler e Agamben, após Foucault)", traz desdobramentos sobre a produção da subjetividade e a construção de nós mesmos (ABREU JUNIOR, 2020, p. 54-55).

Judith Butler (2015, 2017), ao tratar da sujeição como forma de poder, mostra, a partir da noção hegeliana de autorreconhecimento da subjetividade, como a impossibilidade de nos apresen-

tarmos de forma idêntica em cada momento pode fazer frente à *violência ética* (expressão adorniana), que depende de nossa identidade inequívoca. Por seu turno, Giorgio Agamben (2013) desenvolveu o conceito de *anfibologia* "para tratar de conceitos que ele denomina como não necessariamente paradoxais, mas que, ao apresentarem duplicidade de sentido, podem ir numa ou outra direção, mesmo que opostas" (ABREU JUNIOR, 2020, p. 56). A questão não é a polissemia, mas o sentido dos conceitos, que comportam potencialidades contraditórias e conflitantes – como "sujeição" e "poder", por exemplo, tão caros ao pensamento foucaultiano. Emerge, então, a *transversalidade*: conforme Abreu Junior (2020, p. 60), os conceitos transversáveis são "aqueles que atravessam (trans) diferentes áreas de conhecimento e se adaptam de tal forma que podem ser chamados de versáveis".

Em seguida, o livro traz outros três ensaios, denominados "Adendo I", "Adendo II" e "PS" (2020, p. 67-110). No primeiro, o autor discute o conceito de *acontecimento* em Foucault e em Deleuze (1974), e a relação entre *corpo utópico*, de Foucault, e *corpo sem órgãos*, de Deleuze e Guattari (1992, 1996a, 1996b). Foucault, em busca da *singularidade* dos acontecimentos, cunhou o conceito de "acontecimentalização", cuja função teórico-política é desmascarar as falsas necessidades e evidências, como no caso dos discursos médico-científicos sobre a loucura.

Para Deleuze e Guattari (1992, 1996a, 1996b), o corpo, *organização orgânica dos órgãos*, está para o juízo de Deus, na teologia, para o que há de repressor, para a censura e a dominação do sujeito no discurso médico-científico, ao passo que o *corpo sem órgãos* se rebela contra o fato de o haverem feito organismo. Por sua vez, Foucault trata do *corpo incorporal* como um *corpo utópico*, no sentido de que a liberdade radical em relação a todas as suas amarras o leva a um outro lugar, o das *heterotopias*, "espaços não perceptíveis facilmente da utopia" (ABREU JUNIOR, 2020, p. 78).

Em seguida, Abreu Junior (2020, p. 81-105) alerta para uma injustiça: a pouca atenção conferida às obras de Foucault destinadas às artes, em

nome da valorização quase exclusiva do seu legado referente à Filosofia, à História, à Psicologia e à sua militância política contra as internações hospitalares-psiquiátricas e os encarceramentos. Menos crítico literário que admirador da literatura, foi leitor atento, "principalmente dos [escritores] 'malditos' ou anticonvencionais" (2020, p. 82), como Raymond Roussel, Samuel Becket, Hermann Broch, Maurice Blanchot, Georges Bataille e o Marquês de Sade. O interesse de Foucault recaía sobre a *perversidade* contida nas obras de alguns destes autores, bem como sobre as suas *estruturas psicopatológicas*.

A pintura também fazia parte dos interesses de Foucault. Como exemplo deste interesse – não de um "especialista", mas de um "profano", nas palavras do próprio Foucault –, Abreu Junior (2020, p. 86) faz referência ao tratamento do tema da *representação* pelo filósofo francês, a partir da análise da tela *As meninas*, de Velásquez (FOUCAULT, 2007). Além do trabalho sobre a célebre tela *Ceci n'est pas une pipe*, de Magritte (FOUCAULT, 1998), textos analisando trabalhos de Picasso, Manet, Klee, Kandinsky e até de Andy Warhol fazem parte do constructo intelectual foucaultiano. A respeito da atenção de Foucault à pintura, argumenta Abreu Junior (2020, p. 89-90):

Fica claro para Foucault que a pintura ocidental tem uma correspondência com outras formas de conhecimento de cada época e, com isso, não se separam as expressões pictóricas e literárias das filosóficas, em ordens de grandeza ou importância diferenciadas, pois todas são manifestações que se alocam no mesmo nível de produção de conhecimento, ou seja, de igual importância e valor.

Foucault buscava relacionar as "artes plásticas com a linguagem (o discurso) e com o conhecimento" (2020, p. 94). O pensador também se dedicou à reflexão sobre a música, e o fez de modo a "exorcizar" o estruturalismo (2020, p. 97). Nesta perspectiva anti-estruturalista, promoveu a leitura das criações musicais de dois de seus contemporâneos, Boulez e Barraqué, associando essas criações ao *formalismo*, vertente com a qual se identificava um pouco mais – ele ao menos não reagia com aversão quando também o seu

nome era nela incluído (2020, p. 98).

Foucault também incursionou com desenvoltura pelo universo cinematográfico, e escreveu sobre filmes de Liliana Cavani, Louis Malle, Hans-Jürgen Syberberg (seus filmes que problematizam o aspecto erótico e a perversidade do regime nazista alemão), Pier Paolo Pasolini (seu *Salò, o le 120 giornate di Sodoma*, crítica mordaz do fascismo italiano), Alejandro Jodorowsky e Werner Schroeter (2020, p. 99-103).

Atento aos aspectos formais, técnicos e estéticos da arte, Foucault a entende, em todas as suas expressões, "como uma manifestação relevante para tratar os conteúdos da sociedade e sem analisá-la como um subproduto ou uma forma de expressão inferior ao que se entende como ensaios ou trabalhos ditos 'científicos'" (2020, p. 103). Nas considerações desse adendo, o autor explica que adjetiva Foucault com o neologismo "transversátil" por sua obra passar "por áreas de interesse e por trabalhos diversificados que parecem ter marcado sua formação pessoal e profissional". E conclui (2020, p. 105):

Por sua presença em tantas áreas do conhecimento e pelas tantas derivações de interesses e de temas e pelo modo como encarava os problemas metodológicos [...] é que podemos perceber que sua obra parece deslizar por um plano de trabalho inclinado e se espalhar para bem longe do caminho que o próprio Foucault havia construído e trilhado.

O breve *post-scriptum* do livro, "Foucault versus Fibonacci" (2020, p. 106-110), ao contrário do que possa sugerir o latinismo "*versus*" do título, não pretende apresentar alguma suposta objeção de Foucault à obra do matemático italiano. De forma criativa, o autor rompe com o modo tradicional de se fazer "sugestões de leituras", tão comuns em vários trabalhos acadêmicos, e apresenta o conjunto das publicações de Foucault de um modo curioso e surpreendente – excluídos os livros que não foram pensados pelo filósofo para serem publicados nesse formato, como suas aulas, palestras e entrevistas. A quantidade e a ordem desses trabalhos, referidos linearmente, compõem "uma impressionante sequência muito similar à de Fibonacci" (2020, p. 108). À parte esse

insólito aspecto, o adendo conclui o trabalho ampliando os horizontes de leituras da obra do pensador francês.

A obra aqui resenhada foi escrita em linguagem direta, com traços de oralidade e dialogicidade, mas também com humor e assertivas irônicas, sem prejuízo ao rigor necessário aos estudos acadêmicos. O autor coloca Foucault em diálogo com diversos pensadores, e encontra relações teóricas até mesmo autores com os quais o filósofo francês, por diversas razões, não chegou a dialogar: Aristóteles, Nietzsche, Freud, Saussure, Lacan, Arendt, Goldman, Agamben e Butler são alguns desses nomes.

Com a vitalidade de um acadêmico iniciante, o autor explicita o prazer que sente ao "jogar com Foucault" há cinco décadas, e confessa o seu *fascínio* e a sua *paixão* por esse "jogo" (2020, p. 53) – sentimentos, diga-se de passagem, igualmente necessários aos estudiosos e pesquisadores, embora sejam comumente demonizados pela suposta impessoalidade e pretensa neutralidade do discurso positivista, do qual não raro ainda se impregnam os nossos círculos acadêmicos (KAUFMANN, 2013; OLIVEIRA, 2017). A burocratização excessiva das pesquisas e o preciosismo de determinadas normas de apresentação dos trabalhos acadêmicos (ABREU JUNIOR, 2020; KAUFMANN, 2013; OLIVEIRA, 2017), tão prejudiciais ao encantamento do pesquisador pelo seu estudo, são confrontadas com as "burlas" do autor a algumas normas da ABNT, "pecados" cometidos contra essas normas, todos devidamente justificados no prefácio da obra (ABREU JUNIOR, 2020, p. 15-21).

A obra aqui apresentada lança luzes novas sobre o denso e multifacetado pensamento de Foucault. Dada a vasta produção existente sobre o filósofo, talvez não se possa encontrar nesta um ineditismo incontestável – que, diga-se, nem mesmo seu autor pretendia alcançar. Não obstante, o rearranjo conceitual e a forma da apresentação dos temas/problemas analisados trazem certa novidade àquilo sobre o qual tanto já se repensou, sem jamais esgotar.

Ao apresentar o trabalho de Foucault como

realizado em um "plano de trabalho inclinado", sobre o qual os conceitos "parecem escorregar para passar a outros planos" (2020, p. 66), o autor dá conta da grande espiral de movimento centrífugo (a qual subverte a espiral hegeliana, a ela se opondo) que caracteriza o constructo teórico do pensador francês. Longe de buscar pelas origens, distante dos finalismos e teleologias, Foucault aceitou as contradições, a complexidade, as pulverizações e a complexidade de seus objetos de análise.

Com profundo respeito pelos interlocutores que inspiraram a escrita do trabalho, o autor perpassa temas centrais do pensamento foucaultiano, bem como outros que nem sempre recebem a devida atenção dos estudiosos. Sobre a questão acerca de "como foi possível nos tornarmos aquilo que somos hoje", ela se identifica com outra, a respeito do que "possibilitou o surgimento dos modos como acontecemos hoje, dessa ou dessas formas de ser, viver e conviver que caracterizam a história" (2020, p. 74). Entretanto, mais do que propriamente responder a esta questão central, o autor lança o leitor em um inquietante movimento capaz de levá-lo a descobertas que coincidem com novas indagações e, assim, sucessivamente, na grande espiral de movimento centrífugo do perene fazer-se/desfazer-se/refazer-se do ser humano no transcorrer da história.

Concebido "um movimento de aproximação de pessoas queridas" (ABREU JUNIOR, 2020, p. 21), *Foucault: pensador transversátil* é, também, e principalmente, uma incursão profunda no universo do filósofo francês, "um dos mais importantes autores da atualidade mesmo para quem discorde de sua maneira de pensar" (2020, p. 110).

Referências

- ABREU JUNIOR, Laerthe de Moraes. *Foucault: pensador transversátil*. São Paulo: ÔZé Editora, 2020.
- AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- CARVALHO, Eliane Vianey de. Apresentação. In: ABREU JUNIOR, Laerthe de Moraes. *Foucault: pensador transversátil*. São Paulo: ÔZé Editora, 2020. p. 9-14.
- DELEUZE, Gilles. *A lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996a. v. 3.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996b.
- FOUCAULT, Michel. *Isto não é um cachimbo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- KAUFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.
- OLIVEIRA, Luiz Fernando de. *Quando Sísifo alcança o topo da montanha: Escolarização de longo curso, vida socioprofissional e disposições culturais de sujeitos de origem popular*. 2017. 384 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-AWgLQ8/1/tese_luiz_fernando_de_oliveira.pdf. Acesso em: 20 maio 2022.

Luiz Fernando de Oliveira

Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE-UFMG); mestre em Educação pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ); graduado em Filosofia, também pela Universidade Federal de São del-Rei, nas modalidades Licenciatura e Bacharelado. Graduação em Pedagogia, na modalidade Licenciatura, pela Faculdade Alfa América. Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Nepomuceno, MG, Brasil.

Endereço para correspondência

Luiz Fernando de Oliveira
Rua Marco Antônio de Paula, 50
Água Limpa, 37208-336
Lavras, MG, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.